FACULDADES INTEGRADAS DE CIÊNCIAS HUMANA, SAÚDE E EDUCAÇÃO DE GUARULHOS

FIG – CURSO DE LETRAS

BIANCA ALVES CANTUÁRIA

A CONSTRUÇÃO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS, NA SALA DE AULA E O PAPEL DO PROFESSOR COMO FORMADOR DE UMA SOCIEDADE SEM PRECONCEITOS

GUARULHOS
2018

BIANCA ALVES CANTUÁRIA

A CONSTRUÇÃO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS, NA SALA DE AULA E O PAPEL DO PROFESSOR COMO FORMADOR DE UMA SOCIEDADE SEM PRECONCEITOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdades Guarulhos como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof. MS. Claudineia Alves

GUARULHOS
2018

Agradeço a Deus pela coragem e determinação para perseguir esse sonho e por me dotar de inteligência, entusiasmo e sabedoria para melhor entender e lidar com todos os desafios e percalços envolvidos.

Agradeço do fundo do meu coração, meu irmão Bruno César Alves Cantuária, pela ajuda, compreensão, incentivo e ensinamentos ao longo do nosso convívio, aquele que sempre esteve presente mesmo longe. Além da exigência de sempre extrair o melhor de mim. Sem esse apoio constante certamente não teria chegado aqui.

Agradeço à minha mãe, Fátima Lúcia Nascimento Alves Cantuária, pela ajuda, orientação, inspiração, sendo aquela que me deu forças para seguir meus sonhos e sempre esteve presente quando precisei me dando informações adicionais que contribuíram com meu trabalho.

Agradeço aos meus melhores amigos, Guilherme Siqueira Araújo e Jhonata Buenyo, que me motivaram sempre que precisei, me fazendo lembrar o quão forte e capaz sou, porventura, me fizeram dar continuidade ao desenvolvimento desse trabalho, aquele ombro amigo que de fato, fez seu papel de amizade verdadeira.

Agradeço minha orientadora Profa. MS. Claudineia Alves pelas palavras de incentivo e encorajamento, sobretudo nos momentos de maior dificuldade e pelas sempre valiosas considerações e sugestões.

Agradeço ao meu gatinho Thomas, pela companhia nas horas de empenho, seja escrevendo ou lendo, estava comigo quieto ou me fazendo rir tornando o desempenho do trabalho prazeroso.

Agradeço aos professores que colaboraram para que essa pesquisa fluísse e também a direção da escola que confiou e me acolheu quando precisei me disponibilizando os dados necessários, facilitando o desenvolvimento do processo, permitindo a defesa do meu trabalho.

A todos os meus amigos, familiares, superiores e companheiros de jornada por entenderem minhas ausências e por sempre me apoiarem.

RESUMO

O Preconceito Linguístico ocorre na sociedade, em especial na sala de aula, a função do educador é apresentar as variações linguísticas aos seus alunos, sem desvalorizar ou inibir o falante (aluno), enriquecendo o vocabulário e ensiná-los também a importância da norma padrão. Lembrando que nenhuma é superior à outra, mas que a importância da Sociolinguística se faz necessária na educação, na medida em que o preconceito linguístico se destaca. O julgamento de “certo” e “errado” devem ser descartados, até mesmo porque, tais “conceitos” não são a verdade absoluta, visto que as variações linguísticas são variantes culturais e até mesmo desvios do falante e apontá-los como “erros” é dar ênfase ao preconceito, menosprezando esses falantes e classificando-os como ruins, embora vemos que muitos daqueles que se julgam capazes de julgar, são aqueles que cometem desvios linguísticos também, mas que passam despercebido, por falta de conhecimento, ou por pertencer ao seu repertório linguístico, voltando ao contexto das variações linguísticas, os mesmos se espelham sem ao mesmo saber, visando que quase ninguém fala igual ao que a norma padrão exige na fala, cometem sempre alguma variação linguística, seja ela qual for. .

Palavras-chaves: Sociolinguística, preconceito linguístico, variações linguísticas.

ABSTRACT

Linguistic prejudice occurs in society, especially in the classroom, the role of the educator is to present linguistic variations to their students, without devaluing or inhibit the speaker (student), enriching the vocabulary and teach them the importance of standard. Remembering that none is superior to another, but that the importance of Sociolinguistics is necessary in education, in so far as linguistic prejudice stands out. The trial of "right" and "wrong" must be discarded, even because such "concepts" are not the absolute truth, since linguistic variations are variants and even cultural diversions of the speaker and point them out as "mistakes" is to give emphasis to the prejudice, dismissing these speakers and classifying them as bad, although we see that many of those who think they're able to judge, are those who commit linguistic deviations too, but that pass unnoticed, because of lack of knowledge, or belong to your linguistic repertoire, returning to the context of linguistic variations, the same look up without even knowing, targeting that almost nobody speaks like what the standard requires in speech, they always make some linguistic variation, whatever it may be.

Keywords: Sociolinguistcs, linguistic prejudice, linguistic variations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Chico Bento em O Bom Português.....12
Figura 2 - Sala de aula.....35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....9
2. METODOLOGIA.....10
3. A IMPORTÂNCIA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO E SEU REFLEXO NA SALA DE AULA E NA SOCIEDADE..... 13
3.1. Um pouco da história: a língua de Eulália.....16
4. ENSINANDO AS VARIAÇÕES NA ESCOLA.....20
5. PORTUGUÊS PADRÃO.....24
5.1 Português não padrão.....25
5.1.1 Desconstruir para construir.....25
5.1.2 O código restrito e o fracasso escolar.....26
6. A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGUÍSTICA.....29
6.1 As ferramentas da sociolinguística para os educadores.....30
6.2 O conhecimento na sala de aula destrói o preconceito linguístico.....32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....39
APÊNDICE A.....41
ANEXO A – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA ESCOLA PARA USO DE DADOS.....50
ANEXO B – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA PROFESSORA PARA USO DE DADOS E IMAGEM.....51

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a construção das Variedades Linguísticas, da sala de aula e o papel do professor como formador de uma sociedade sem preconceitos. Com o intuito de expor a necessidade do estudo da Sociolinguística nas escolas públicas ou particulares, o Preconceito Linguístico é frequente na sociedade e a culpa disso vem do berço (escola), buscando mostrar que o papel do professor faz a diferença e que o mesmo é o principal responsável pela mudança.

De acordo com Bagno (2015), o Preconceito Linguístico ocorre constantemente, sendo importante conhecer as Normas do Português Padrão e não considerá-lo mais certo que o Português Não Padrão. Com isso, observaremos as teorias dos teóricos Marcos Bagno, Louis-Jean Calvet, Maria Cecilia Mollica, Stella Maris Bortoni-Ricardo, além também, de experiências e textos que mostrem o quão necessário é, levar para a sala de aula, as variações linguísticas. O autor expõe que a norma culta é importante, porém não devemos desprezar as variações linguísticas.

Vivemos em um mundo em que o Preconceito Linguístico está em todo lugar e, conforme a sociedade impôs um “falar certo”, ocorre uma divisão na Língua Portuguesa, havendo preocupações no decorrer do desenvolvimento da fala, seja por motivos culturais, econômicos e regionais. Dessa forma, surge a responsabilidade em adaptar o ambiente da sala de aula para todos os tipos de pessoas, já que o preconceito tem inibido o falante a usar sua fala nativa.

Portanto, nosso objetivo é fazer uma análise do Preconceito Linguístico na sala de aula, observando o papel do professor e em que isso afeta na sociedade.

Comprovando que existem alguns professores que incentivam apenas a gramática normativa e reprimem o aluno, interferindo na aprendizagem das variações linguísticas. Porém, o professor tem um papel importante no ensino das variações linguísticas, sendo que autores como Bagno (2015) relata que o preconceito linguístico é constante em sala de aula. Portanto, o nosso papel como educadores é trabalhar com essa realidade, sem desconsiderar a norma padrão, mas trazer textos que despertem no aluno o prazer em leituras que mostrem a importância de todos os “falantes” da Língua Portuguesa.

Assim, segundo Bagno (2015, p. 18 e 19) à proporção que um indivíduo

nasce num determinado meio, ele adquire “coisas” que criarão sua identidade, tais “coisas” farão parte do desenvolvimento social, cultural, econômico e ambiental. Levando em conta que ninguém é igual a ninguém, que todos possuímos diferenças na escrita ou na fala, averiguamos que a base adquirida que acreditamos é classificada como viável ou não na sociedade.

Todos que frequentam a escola são predestinados ao aprender, aprender aquilo que convém aos gramáticos, no entanto, em nenhum momento são faladas as diferenças, muito pelo contrário, tudo que foi aprendido antes da escola, muitas vezes são avaliados como “erros”, o que acaba reprimindo o aluno em se expressar, tudo aquilo que o representa para ele é transformado em “erro”, ao invés disso, o professor poderia mostrar de forma mais delicada que aquilo que faz a identidade do mesmo, não é errada, mas que na escrita não é correto usar, quando se tratar de um documento em que será avaliado, como provas, trabalhos, entrevistas, entre outros. A suavidade que o professor aborda em cima desse aluno, pode deixá-lo menos envergonhado daquilo que faz sua identidade, até mesmo, estimulá-lo capaz.

Partindo desse pressuposto, pretendemos, além dos levantamentos bibliográficos, analisar histórias em quadrinhos que despertem um trabalho diferenciado com a linguagem informal e padrão, criando formas de correção, que despertem no aluno, o prazer pela leitura, sem criar preconceito com a língua.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, para a realização deste trabalho de pesquisa, será utilizado o apuramento bibliográfico dos teóricos: Marcos Bagno, Louis-Jean Calvet, Maria Cecilia Mollica, Stella Maris Bortoni-Ricardo, entre outros possíveis teóricos que podem surgir conforme o desenvolvimento do trabalho e sua necessidade. Sendo fundamental elencar sempre o Preconceito Linguístico como um fator vivenciado nos dias atuais, sendo ele, um defeito de herança trazido por gerações. Surgindo no desenvolver do trabalho a falha na educação quanto ao ensinar, pois o papel do professor é incompleto, o que faz esse Preconceito Linguístico ser real.

Partindo desse pressuposto, nossa metodologia será a análise da história em quadrinhos que pretende inspirar o professor a ter prazer em aprender cada tipo de variação linguística, a riqueza da nossa língua, e como usar cada uma delas, sem desconsiderar a norma padrão, evitando o preconceito.

Dessa forma apresentaremos na nossa metodologia um quadrinho que esboça uma reprodução de Preconceito Linguístico expresso com o personagem Chico Bento em O Bom Português por Maurício de Sousa.

Essa análise pretende verificar a importância de trabalhar o preconceito linguístico nas aulas de Língua Portuguesa.

Com isso, iremos aplicar um questionário que abordará questões relevantes dos autores citados neste trabalho. Pretendemos abrir espaço para textos que possam servir de auxílio para o professor de Língua Portuguesa.

Algumas questões foram levantadas para podermos analisar o que vem acontecendo e como podemos propor novos questionamentos para melhorar o trabalho Pedagógico com a Língua. Sendo elas:

1 – Com que frequência você corrige seus alunos na escrita e oralmente? Dê exemplo de alguma situação em que ocorreu este fato, tanto na escrita como oralmente.

2 – Como você trabalha as variações linguísticas na sua sala de aula?

3 – Você acha que nas aulas de Língua Portuguesa o Preconceito Linguístico ainda acontece?

4 – Em que sentido, os quadrinhos aparecem para ajudar o trabalho com o Preconceito Linguístico em sala?

5 – Observe o quadrinho abaixo.

Figura 1- Chico Bento em O Bom Português

Fonte: Disponível em: http://docslide.com.br/documents/bom-portugues-chico-bento.html.

Diante do ocorrido, qual sua visão da postura da professora com o Chico Bento? Existiria alguma outra forma dela ter abordado o aluno? Qual?

No caso do quadrinho acima, Chico Bento coloca no papel a escrita de acordo com sua fala, sendo um erro gramatical que deve ser corrigido como faz a professora, até porque ele está inserindo essa linguagem informal para um processo avaliativo o que não é recomendado. Entretanto nossa análise foca na fala, o personagem Chico Bento em sua fala usa o Português Não Padrão, não seguindo a Norma Gramatical. Na sociolinguística existe uma explicação para situação da fala materna, como no caso do personagem Chico Bento que fala diferente, chamamos de variações linguísticas.

No quadrinho anterior, notamos a postura preconceituosa e normativa da professora a qual deixa de explicar as variações linguísticas ao seu aluno “Chico Bento” e inibe o mesmo em sua comunicação oral, o que de fato, trás a imagem atual da sala de aula decorrente muitas vezes na educação. Além do mais, o título dessa história em quadrinho impõe algo a se criticar, seu título: “O Bom Português” acaba trazendo a visão de que existe um português “ruim”, ou seja, a partir do instante em que classificamos algo como “bom” pressupõe-se de que exista o “ruim”, é como aquela famosa frase “sem o bem, não existe o mal e vice-versa”.

Para isto, o objetivo é destruir esse preconceito que por sua vez, inicia na sala de aula, pois alguns educadores oprimem seus alunos, a partir do momento que não apresentam aos mesmos as variedades linguísticas, o problema disso tudo, acaba caindo na sociedade, onde o preconceito só tende a crescer cada vez mais, por conta do desconhecimento que na maioria das vezes fica vago na escola.

Ainda tratando dos quadrinhos do Mauricio de Sousa, temos a questão de que só o personagem “Chico Bento” fala de uma forma diferente, conhecida como “caipira”, então, por que não colocar a personagem “Magali”, por exemplo, para falar como “caipira”? Simplesmente porque o personagem “Chico Bento” é da roça e a personagem “Magali” não.

Segundo Bagno (2015), o Preconceito Linguístico é existente por conta da sociedade que desconhece e discrimina a própria língua, evocando um preconceito social, o mesmo ainda observa que o Preconceito Linguístico é frequente por não ser tão notado, ser algo impercebível, ou seja, raramente é um assunto falado. Assim, o problema só cresce, pois é ignorada a importância das variações linguísticas na educação, denotado no quadrinho “O Bom Português”. Ao qual é reflexo de muitos educadores que deixam a desejar o seu papel de apresentar este saber aos seus discentes, o Preconceito Linguístico assim, seria neste caso, a falta de conhecimento sobre a língua também. Além de ser um problema social imposto por uma sociedade dominadora que também comete os famosos “erros”, mas que não se considera parte da minoria que tem sua forma diferente de falar, destarte percebemos o quão este preconceito é introduzido e dividido socialmente, seja por sexo, faixa etária, região, economicamente, nível de formação educacional ou outro. O julgamento de falar “certo” e “errado” é consequência do Preconceito Linguístico.

3. A IMPORTÂNCIA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO E SEU REFLEXO NA SALA DE AULA E NA SOCIEDADE

O Preconceito Linguístico tem aumentado cada vez mais, a margem que o falar “certo” é determinado pela maior parte da sociedade, a língua materna tem sido repreendida e “corrigida”, sendo exilado seu uso no cotidiano. Conforme Marcos Bagno escreveu:

> “[...] o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: as gramáticas normativas e os livros didáticos disponíveis no mercado. [...]” (BAGNO; 2015, P. 22)

Assim o Preconceito Linguístico tem sido uma ideologia imposta pela sociedade por causa do Português Padrão, conforme afirmado no parágrafo acima vemos que a mídia também é um dos principais motivos da interface que diz o certo e o errado, logo criando essa divisão na língua, fazendo com que a língua materna seja extinta pela força do bullying.

Mas como evitar o preconceito se na escola é onde ele mais ocorre?

Neste caso os educadores devem se controlar, pois muitos acreditam que devem corrigir seus alunos na fala para não cometerem o mesmo erro na escrita, o que reprimi o aluno de se expressar com sua linguagem materna e tornando-o até mesmo em modo silencioso na sala de aula, excluindo possivelmente sua participação, claro que não acontece com todos os alunos, porém é possível que o aluno se sinta constrangido ao se expressar em público, especialmente, durante as aulas.

O educador deve se conter em algumas ações, elaborando maneiras mais adéquas para corrigir os alunos, atualmente não é recomendado corrigir a maneira que o aluno fala, no entanto na escrita o educador deve corrigir o erro do aluno para que o mesmo não cometa o erro novamente.

O repertório da língua materna de um indivíduo abrange uma enorme variação, ninguém fala igual a ninguém, talvez semelhante, mas a fala de cada um é exclusiva. Então, por mais que uma pessoa seja a favor de corrigir a fala de um outrem, será uma longa jornada para que tal conquista aconteça, é como uma caligrafia onde cada um tem sua própria letra e alguém queira mudá-la, haverá

muitas complicações e não será tão simples.

Conforme o livro *A língua de Eulália* de Marcos Bagno (2015), que retrata a história de três jovens estudantes universitárias (Letras, Psicologia e Pedagogia), as mesmas decidem passar as férias numa chácara no interior de São Paulo pertencente à tia de Vera (estudante de Letras). Tia Irene é professora de Língua Portuguesa e Linguística, ao longo da história ela chocará as meninas levando-as à reflexão sobre a língua e suas variações. Inicialmente no livro percebemos uma jogada do autor, quando utiliza o próprio leitor a rever sua leitura como supracitado:

> [...] Eulália mora com a minha tia Irene. É a pessoa mais querida do universo inteiro! Eu simplesmente amo ela... — A "moela", que eu saiba, é um órgão das galinhas, meu bem... — diz Emília, sarcasticamente. — Não enche, Emília, a gente "estamos" de férias, "tá bão"? — graceja Sílvia. (BAGNO; 2015, P.10)

Ao pronunciar rapidamente "*amo ela"* o ouvinte pode compreender "*a moela"* que apesar de possuírem a sonoridade similar, suas escritas e significados são inteiramente diferentes. Logo, a personagem Sílvia (estudante de Psicologia) propositalmente retruca sua amiga Emília (estudante de Pedagogia) falando informalmente em resposta à chacota que Emília fez à Vera, a mesma justifica estar de férias e demonstra não se preocupar em policiar sua fala. Notamos que neste mesmo momento o autor demonstra que se a mensagem foi passada e compreendida, então não existe erro, pelo menos, não na oralidade. Embora, na medida em que ocorre o famoso julgamento de "certo" e "errado", sentimos que o desconhecido é desprezado e sinalizado como algo que não se precisa saber.

De acordo com o autor Bagno (2015, P. 22), também é visto que cada um possui seu jeito de falar, seja de acordo com o tempo, ou seja, a regionalidade que lhe pertence, entre outros fatores que afetam a escrita ou a oralidade de um determinado indivíduo, a questão é que o modo que falamos sempre sofrerá alterações ao longo da vida.

No terceiro capítulo, "Que língua é essa?", Bagno trás um olhar reflexivo quando cita "*não existe nenhuma língua que seja uma só"*, pois a insinuação conduz o leitor para realidade, isto é, cada pessoa possui uma caligrafia, o mesmo vale ressaltar para o vocabulário, por isso, a língua é individual. Não obstante, afirma que a Língua Portuguesa como qualquer outra não é seguida ao pé da letra, existindo individualidades dentro da língua, que pode ou não estar ligado a um grupo, chamando de variedades tudo aquilo que for classificado como "errado" ou

“diferente”.

É engraçado como as coisas são vistas com discriminação quando não inclusas na norma padrão, mas a língua sempre muda e o que um dia era considerado errado, hoje podemos encontrar na norma-padrão, automaticamente vem o questionamento se o “diferente” ou “errado” como dizem será um dia o “certo” o “aceitável”, talvez sim, talvez não.

Conforme Bagno (2015, P. 35), a culpa do olhar fechado para o PNP (Português Não Padrão) primeiramente ocorre por ser algo desconhecido, segundamente não ser uma ferramenta que possa melhorar a educação, uma vez que o tradicional é a única base seguida em muitas escolas, o preconceito vem pisando naqueles que não usam o PP (Português Padrão), mas se pararmos para pensar quando o PNP é usado por aqueles que dizem “falar certo” não são tão cobrados quanto os que já nascem usando o PNP.

Esse preconceito exagerado vem nos perseguindo durante séculos, porque o ser humano tem o hábito de criticar tudo que desconhece, e quando não sabe é “chato, errado e não lhe interessa”, atualmente vivemos isso numa sala de aula.

3.1. Um pouco da história: a língua de Eulália

Antigamente os *bárbaros* como citado no livro *A Língua de Eulália* (BAGNO; 2015, P. 33), eram aqueles que falavam uma língua diferente, significando *estrangeiro,* mas, porventura o significado foi preenchido pelo preconceito e a palavra *bárbaro* obtendo uma definição *feroz, selvagem, destruidor, não civilizado.*

Ainda nesse mesmo livro (BAGNO; 2015, P. 35), no subtítulo “Erro comum ou acerto comum?”, ganhamos a certeza que o PNP não é um “erro”, pois é embasada em relatos científicos, quer dizer, nada é inventado para apenas afirmar é isso e pronto, pelo contrário, através de estudos foram identificadas algumas variações que não podiam ser deixadas de lado, ganhando explicações coerentes conforme suas necessidades e ocorrências. É o caso, por exemplo, do *rotacismo* que é a troca do /l/ por /r/, este fenômeno considerado comum, ocorre muitas vezes em vários lugares do Brasil, de norte a sul, de leste a oeste, assim como muitas outras variações que são frequentes na fala.

Portanto, Bagno (2015) subentende, provando que nós todos nascemos com

o PNP, porque é adquirido naturalmente, vem de uma tradição oral, passado de geração para geração, é a língua materna de cada um, diferente do PP, que é artificial, onde somos sistematizados pela escola para adquiri-lo, sendo uma tradição escrita, já que não é seguido na oralidade literalmente, deste modo, o PP é abstrato.

Se o PP é abstrato como pode ser o “certo”?

Desde que a civilização ganhou um “idioma” diferente foi observado que conforme a religião a língua também era e é prol de poder, os colonizadores impunham sua língua como posse, foi o caso dos índios, os portugueses não só catequizaram, mas fizeram a língua materna dos índios serem extintas para muitas tribos. Atualmente a língua ainda representa o poder, o idioma “inglês” conseguiu sobressair no mundo como o “idioma global” substituindo o francês, a luta pelo domínio não são só pelas terras, ou recursos conquistados nas guerras, mas a luta pela unificação das línguas ainda é algo que todos visam, mas ninguém cede.

Destarte Bagno diz que:

> [...]“Onde tem *variação* também tem *avaliação*”. Quando nós, falantes escolarizados de uma variedade urbana culta, rimos (ou temos pena) de alguém que diz *prantá* no lugar de *plantar*, aproveitamos essas diferenças de pronúncia para mostrar que *nós não pertencemos àquela classe social*, àquela comunidade “atrasada”, que não fazemos parte daquele grupo desprestigiado... Queremos deixar bem clara a distância *social, econômica e cultural* que existe entre nós e aquele falante de não padrão. E é daí que nasce o preconceito linguístico... (BAGNO; 2015, P. 38)

Isto enfatiza o preconceito linguístico na realidade não são as *diferenças* encontradas nas *variedades* da língua e sim, a *diferença* no quadro *social.* O falante ganha mérito muitas vezes quando tem papel importante, seja economicamente, culturalmente ou socialmente, o mesmo se destaca como aquele que fala “certo”, proveniente de uma classe dominante. Esse distanciamento classifica um rompimento na língua, marcando o “certo” e o “errado”, criando vítimas do preconceito linguístico, determinando que essas pessoas não saibam “falar Português”, entretanto, se as mesmas não soubessem, não seriam elas os antigos *bárbaros*? Ao qual não compreenderíamos de nenhuma maneira, salvo que, a partir do momento que entendemos a mensagem, o Português foi executado, desta forma essas pessoas falam sim Português.

Consoante Bagno (2015, P. 51), esboça um exemplo, como o caso de *concordância de número,* onde existem marcas de plural na Língua Portuguesa, ainda que muitos não usem na fala e sofram preconceito linguístico, podemos saber

por uma única marca que a pessoa se refere ao plural, é válido ressaltar que essa economia de marcação não é algo inventado da noite para o dia, em outras línguas ocorrem isso e é comum, não é destacado como “errado”, acontece na Língua Inglesa por exemplo. Recapitulando, na Língua Portuguesa, no momento em que a *concordância de número* passa a ser oculta, não visível, se a frase fizer sentido e tiver uma marca, não é considerada errada na fala.

Outra situação citada por Bagno (2015, P. 57) é R “caipira” que muitas vezes se torna motivo de piada, chamado de R *retroflexo,* porém quando esse mesmo falante aprende a Língua Inglesa, não sofre tal preconceito quando pronúncia algumas palavras que exigem a força do R, este “problema” não é só decorrente somente na Língua Portuguesa, mas também em outras línguas são constatadas variedades.

Bagno suplementa que:

> [...] a ideologia da necessidade de “dar” ao aluno aquilo que ele “não tem”, ou seja, uma “língua”. Essa pedagogia paternalista e autoritária faz tábua rasa da bagagem linguística da criança, e trata-a como se seu primeiro dia de aula fosse também seu primeiro dia de vida. Trata-se de querer “ensinar” ao invés de “educar”. [...] Mas vamos ver a diferença. O verbo “ensinar”, Emília, provém do latim in + signo, isto é, “pôr um sinal em” alguém, e implica uma ação de fora para dentro, implantar alguma coisa (um “signo” ou um conjunto de “significados”) na mente de alguém. Já “educar” vem de ex + duco, “trazer para fora, tirar de, dar à luz”, num movimento que se faz na direção oposta à de “ensinar”. (BAGNO; 2015, P. 62)

Em outras palavras, a ideologia de oferecer ao aluno o que a “norma padrão” considera “certo”, faz o mesmo ser carente da “língua” no ponto de vista do educador, isto acaba aprisionando toda uma vida dele, como se tivesse conhecendo pela primeira vez o universo chamado língua e tudo aquilo que foi aprendido antes do contato em sala de aula sobre a “língua” é jogado fora, semelhante ao que os colonizadores fizeram com os índios, ou ao que o Português Popular fez com o Vulgar, entre outros casos de preconceitos vividos durante décadas. Nem sempre o que é “certo” para você será “certo” para o outro, o “certo” e o “errado” são palavras fortes demais para serem usadas nessa divisão que estraçalha a língua, como se existisse uma única regra e nada mais. Ao modo sociolinguístico, o educador tem o dever de sugerir um amplo vocábulo para a discente, demonstrando que o que é visto na escola é algo a se agregar, criando uma ponte do saber e não menosprezando a língua materna do mesmo, o importante é informar em que lugar essas linguagens devem ser aplicadas, não as proibindo, mas apenas direcionando-

as a seus devidos lugares e situações. Nesse sentido, o próximo capítulo tratará sobre a importância do ensino das variações na escola.

4. ENSINANDO AS VARIAÇÕES NA ESCOLA

Perante o que Bagno (2015, P. 73) fala, é preciso sim, os alunos terem uma base da língua passada na escola, a famosa língua padrão, para ambos não regredirem na comunicação, isto é, a luta pela qual já tratamos de unificar a língua, dado que se cada pessoa falasse que nem pensa ou quisesse brevemente, ninguém compreenderia ninguém, havendo um atraso ao invés de um avanço na comunicação. Então, na prática deve-se trabalhar uma balança ao ensinar, de um lado o PP e do outro o PNP.

Deste modo, o universo escolar é como um consultório médico, o médico representa o professor, o paciente o aluno, a receita aquilo que o professor ensina, o remédio como o aluno utiliza o aprendizado em sua vida, como exercita isso fora da escola, como por exemplo, a lição de casa, ou seja, o médico não fica ligando para o paciente verificando se ele comprou o remédio, se ele está tomando corretamente, mas se o paciente não segue a bula e retorna ao consultório, o médico tentará curar o paciente passando outros medicamentos para o tratamento, o professor a mesma coisa, ele não consegue ficar com seu aluno 24 horas, mas em sala de aula ele sempre terá chances de ensinar ao seu aluno, aplicar métodos inovadores na aprendizagem. Exemplificamos isso na fala e escrita, onde o professor poderá observar até onde o falar “errado” interfere na escrita do aluno, visando que essa interferência não poderá ser considerada quando se tratar de uma comunicação pessoal do aluno, como redes sociais (facebook, whatsapp, twitter, instagram, entre outros). O professor assim como o médico observa os sintomas e a partir deles pode tomar alguma atitude, mas não basta somente o professor assim como o médico instruir o caminho a ser seguido, impor uma receita e ela não ser seguida.

O preconceito linguístico ocorre muito em lugares coorporativos, como por exemplo, uma pessoa que realiza uma entrevista pode ser eliminada caso venha a repetir um “erro” na fala e o entrevistador percebe, imaginemos que o entrevistado diga *faluno, comeno, cantano,* em vez de *falando, comendo, cantando*? Se o entrevistado falar uma vez somente, talvez o entrevistador entenda que foi um “erro comum”, entretanto, se a pessoa repetir essa fala e não se “corrigir”, o entrevistador pode interpretar como essa pessoa não é apta para exercer determinada função em sua empresa, descartando-a pela vaga concorrida. E você tem Preconceito Linguístico? Suponhamos que irá realizar uma festa surpresa para alguém e decide

fazer um cartaz parabenizando-a, quando vai fechar o negócio seja pessoalmente (oralidade) ou mensagem escrita (whatsapp, e-mail, etc), se no momento que está fechando valores e a mensagem percebe muitos “erros” falados ou escritos, ainda assim, finalizaria o serviço ou simplesmente desistiria e procuraria alguém que não cometesse esses “erros”.

O Preconceito Linguístico virou *meme* e piada na internet para os internautas, até mesmo para aqueles que cometem tais “erros”, será que isso é falta de leitura? Excesso de corretor automático? Falta de atenção? Leitura de muito gibi como Cebolinha e Chico Bento? Cultura? Modinha? Herança? Qual seria a explicação para tudo isso?

A explicação pode ser simples e ao mesmo tempo complicada, como diz Bagno (2015, P. 81) ao citar em sua obra *A Língua de Eulália*, *“[...] Enquanto a língua falada, viva e elétrica, está se mexendo, se transformando, a língua escrita ainda está tentando se acostumar com as mudanças que aconteceram há muito tempo*”. A língua escrita sempre demora mais, um dos motivos é que a aceitação para mudança ocorrer oficialmente não é tão simples, existem regulamentos para que ocorra, também sabemos que a maioria da sociedade mais de idade não aceita tão fácil e acham absurdas algumas alterações, um grande exemplo disso é a palavra *Vossa Mercê* > *Vosmecê* > *Você*, que sofreu alterações ao longo dos anos e não foi aceita de cara como algo bonito, atualmente a palavra *Você* está sofrendo a alteração na fala e nas escritas informais para *Cê.* Logo quando adotada por muitos, tem grande possibilidade de ser revista e até mesmo aceita futuramente como “certo”. As outras utilizações anteriores da palavra não são erradas, mas vão morrendo com o tempo pela pouca utilização, encontrando somente em registros escritos e não mais na fala.

Voltando à questão de uma entrevista, um “erro impercebível” seria o entrevistado falar *ropa* ao invés de *roupa,* ou ainda dizer *brasilêro* ao invés de *brasileiro,* considerados como *redução do ditongo,* na escrita muitas crianças que estão sendo alfabetizada cometem muito esse “erro” na escrita, pois assimilam o som e o escrevem, até mesmo porque o professor pode falar “errado” e a criança escrever do jeito que foi falado. Portanto numa entrevista esse “erro” pode ser passado despercebido e não interferir em nada, desde que seja um “erro” cometido oralmente e não na ortografia.

Tudo isso esboça o conflito de como a pessoa saberá o que pode ou não ser um “erro gritante” na oralidade, pois se sua língua materna é considerada algo comum, agora sim entra o papel da escola, onde o dever do educador é instruir todos, orientar o voo, e mostrar quando e onde deve usar a fala / escrita formal e informal, ainda sim, não julgando o modo que o indivíduo se comunica, mas sim, apresentando como outra forma de se comunicar, lembrando que como Bagno (2015, P. 93) diz em *A Língua de Eulália*, “*nem tudo o que se diz se escreve e nem tudo o que se escreve se diz...”*. Contudo, deve-se frisar que a língua falada é viva, atual e sofre mudanças constantes, já a língua escrita é abstrata, representa a língua falada, mas nunca a seguirá precisamente, mesmo que ocorram mudanças conforme suas necessidades para acompanhar a língua falada.

Em decorrência de estudos como diz Bagno (2015, P. 119), foi observado que muitos daqueles chamados “erros” na verdade são chamados tecnicamente de *arcaísmos*, a língua evoluí tanto que aquele que usa a educação formal reprimi aqueles que usam supostos “erros”, mas que na verdade, como já falado, são heranças muito antigas, resquícios de outras épocas.

Bagno (2015, P. 157) evidência que na realidade, o PP e o PNP não existem. Isso mesmo, o que existe são variações linguísticas, norma padrão e norma considerada não padrão, o PP e o PNP são na verdade uma forma de esclarecer melhor o entendimento de um todo.

Como supracitado pelo autor:

> “[...] Os pesquisadores engajados nos grandes projetos de pesquisa linguística do português brasileiro chegaram à conclusão de que é o *nível de escolaridade* o principal fator a ser levado em conta na hora de classificar um falante e sua variedade. [...]” (BAGNO; 2015, P.162)

Melhor dizendo, no Brasil, segundo pesquisadores engajados nos grandes projetos de pesquisa linguística do português brasileiro, o elemento central para classificar um falante e sua variedade parte do *nível de escolaridade*, sendo que dentro da norma padrão exista uma divisão: (+) culta e (-) culta. Na medida em que um indivíduo aprofundasse no estudo é que o falante será considerado um falante (+) culto, claro que nem sempre, aquele que tem nível superior irá falar (+) culto que um que talvez nunca tenha estudado, isso é algo do ponto de vista dos pesquisadores.

Entretanto, não importa o quanto às pessoas batam o pé para que não haja

mudanças na língua, sempre ocorrerão modificações com o tempo, uma coisa ou outra pode não ter alteração aceita, no entanto, de fato, o tempo atenderá a necessidade conforme a demanda.

Bagno (2015, P. 173) elenca ainda, como evoluir por completo se somos obrigados a ensinar aos alunos a decorar o pronome vós, conjugar verbos usando esse pronome, sabendo que na fala não é mais usado “morreu” e ainda, saber que é necessário ensinar tais aspectos para os alunos para que possam ir bem em vestibulares e concursos, em que país vivemos que ainda exige palavras “mortas” na fala que são exigidas no escrito e até quando existirão? A verdade é que o tempo é a resposta.

Por fim, segundo Bagno (2015, P. 188) é importante sim ensinar a norma padrão para o aluno, as diferenças e principalmente a *valorização dos usos linguísticos não padrão*, dado que em uma sala de aula trabalharemos com todos os tipos de falantes e que esses mesmos falantes lhe darão com outros falantes, enfatizar a importância de todos os lados pode extinguir o Preconceito Linguístico e melhorar a motivação de cada um, fazendo com que o aluno não se sinta inibido e que compreenda melhor sua língua. Para isso no próximo capítulo, teremos a base da língua portuguesa padrão e não padrão.

5. PORTUGUÊS PADRÃO

Designamos o Português Padrão aquele considerado “certo” pelos linguistas, pela mídia e pela maioria das pessoas. Em si o Português Padrão é imposto nas escolas, como a Norma Gramatical e sendo uma fala artificial requisitada pela sociedade.

A norma apontada como a “certa” é o PP (Português Padrão), mas quem fala ao pé da letra o Português Padrão?

Ainda que o Português Padrão seja uma língua abstrata, ele serve para língua não se desprender do idioma existente, criando esse conceito do PP ser o “certo”, conservando-o e não havendo diferenças bruscas na comunicação.

> “[...] A gramática, porém, passou a ser um *instrumento* de poder e de controle social, de exclusão cultural, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita”, “correta” e “pura”. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. [...]” (BAGNO; 2015, P. 94).

Vemos que a base do PP é a gramática, seguindo as regras como uma religião na fala, exigindo um falante que trabalhe seu vocábulo, memorizando e treinando, seguindo as regras gramaticais. O PP e a gramática são como um professor e um aluno, ou seja, não se consegue ser um professor sem ter um aluno, um completa o outro e depende do outro, deste modo funciona o PP com a gramática.

Imaginemos como séria a língua se cada um escrevesse como fala ou como deseja, acabaríamos retrocedendo na comunicação. Assim, elencamos o grau de importância que existe no PP e na gramática.

Em que momento o PP deve ser usado ou a gramática? Ambos seguem distinções, como por exemplo, num ambiente coorporativo numa entrevista não se recomenda usar uma linguagem informal, pois o sujeito que recebe a mensagem não irá diferenciar sua linguagem materna do seu “caráter”, daí encontramos um dos itens chamados de “preconceito linguístico”, pois a fala do indivíduo precisa ser formal para evidenciar o seu conhecimento gramatical.

Nesse caso, a perspectiva do modo que a fala é executada será avaliada como “boa” ou “má” comunicação, revelando se o emissor tem noções consideradas básicas pela sociedade. Mas em que momento a pessoa pode usar uma linguagem

informal? Veremos isso no subcapítulo a seguir.

5.1. Português não padrão

Nomeamos de Português Não Padrão aquele considerado “errado” e “menosprezado pela sociedade”. A sociedade julga o modo que uma pessoa fala “certo” e “errado” o que faz haver divisões, seja racial, sexual, cultural ou socioeconômica.

Como cita Bagno (2015, P. 168), *“[...] A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. [...]”*, em decorrência disso, notamos que a língua sofre mutações conforme o tempo passa, seja por necessidade ou por um contágio lexical, a fala do PNP voa, enquanto o PP caminha e a escrita rasteja comparando com a verdadeira realidade das mudanças recorrentes.

Dessa forma, o código escrito corresponde ao código oral, logo tudo aquilo que é falado e ouvido passará um dia a ser escrito e lido, segundo Bechara (2015), o código escrito ou o código oral não é melhor nem pior que o outro, seja vindo da classe “opressora” ou “dominante”.

Como citado no livro A língua de Eulália, no capítulo “A primeira semente”, *“Tudo o que parece erro no PNP tem uma explicação lógica, científica (linguística, histórica, sociológica, psicológica)”.* (BAGNO, 2015, P. 203), constatamos que o PNP (Português Não Padrão) não é mais errado que o PP, mas é aquele que justifica os chamados “erros linguísticos”.

O Português Não Padrão é muito mais profundo, já que impõe conceitos na fala, classificando suas variedades e não definindo-as como erradas. É como um glaciar, onde o PNP o analisa desde a parte elevada do mar até a parte submersa.

Usamos o PNP muitas vezes com pessoas mais íntimas, desse jeito, relaxando na hora de comunicar-se, pois não haverá aquela tensão ao se comunicar, dado que o emissor estará empregando a linguagem informal, sua língua materna de fato.

5.1.1 Desconstruir para construir

Agora que já é sabido o que é preconceito linguístico, variações linguísticas,

português padrão e português não padrão podemos propor uma desconstrução da língua.

Visualizando que nós desliguemos a aptidão de “comunicação”, agora imaginemos que todo emissor invente um código próprio e esse código seja aceito e aprovado, ilustrando essa liberdade, ao invés de evoluirmos a comunicação ela seria extinta aos poucos, já que não haveria normas a serem seguidas. Além do mais, a compreensão se tornaria duvidosa em relação à mensagem.

Exemplificado no filme “O enigma de Kaspar Hauser” (1974), o indivíduo sem o contato com a civilização, quando entra em contato com uma linguagem da qual desconhece não há como existir uma compreensão de primeiro momento, ou seja, sem a linguagem e a cultura não há como um indivíduo desenvolver seu psicológico.

Baseado no filme, percebemos o quão o convívio e o conhecimento da língua “padronizada” são extremamente necessários para que não haja uma alteração escandalosa.

Desde o princípio, a humanidade tem tentado se compreender e unificar sua comunicação, lembrando que a linguagem vem como ferramenta de poder, assim como a religião. A pose da comunicação tem sido a chave para a conquista de uma vida melhor, prova disto é que não vemos um rico falando “nóis vai”, salva exceções daqueles que vieram de uma categoria de “oprimidos” de sua língua materna.

Uma pessoa bem sucedida ou estudada consequentemente observará o lugar onde se comunica, para estabelecer uma linguagem formal ou informal. Embora, sabemos que podem ocorrer “erros linguísticos” com esse mesmo nível de pessoa, por se falar rápido demais, por estar pensando em outra coisa, por estar nervosa ou até mesmo ansiosa, o que de momento fica evidente que a pessoa comete o “erro” acidentalmente e não por escassez de conhecimento do PP.

O código escrito e falado possuem registros e são neles em que se baseamos para continuar a existindo, passando de geração em geração e fazendo a comunicação compreensível e viva.

5.1.2 O código restrito e o fracasso escolar

Segundo Basil Bernstein (1975, p. 306), conforme citado por Calvet (2002, p. 18), as crianças com maior índice no fracasso escolar são aquelas com pouco ou nenhum conhecimento gramatical, sendo as que usam o “código restrito”,

chamamos de código restrito a base comum da língua. Apesar da fala dessas crianças possuírem liberdade de expressão, nota-se que o aspecto do conhecimento gramatical ser pouco ou nenhum introduz uma comunicação pobre, pois a partir de um exemplo colocado em prática se torna evidente, como supracitado:

> BERNSTEIN (1975, P. 306) [...] O exemplo mais conhecido, e o mais expressivo, destes códigos é uma experiência que consiste em pedir às crianças que descrevam uma história em quadrinhos sem texto. As crianças provindas dos meios desfavorecidos vão produzir um texto quase sem sentido sem o suporte das imagens: "Eles jogam futebol, ele chuta, quebra a vidraça etc.", enquanto as crianças saídas de meios favorecidos vão produzir um texto autônomo: "Meninos jogam futebol,um deles chuta, a bola atravessa a janela e quebra uma vidraça etc." (apud CALVET; 2002, P.18).

Assim, o "código restrito" é aquele denotado como a utilização de frases breves, logo o vocabulário é limitado por falta de aprendizado, enquanto as crianças com "código elaborado" tem um amplo vocabulário a partir do momento em que o "código restrito" lhe pertence também. A diferença entre ambas encontra-se na construção da fala. Acrescentando ainda, segundo Bernstein (1975, p. 306), conforme citado por Calvet (2002, p. 18), que o meio social interfere a fala do indivíduo, até mesmo pela fala ter marcas (variedades) que são determinadas pela estrutura sociocultural, tal aprendizado constrói os comportamentos linguísticos.

Em decorrência do meio social ser evasivo na língua, pode-se dizer que a "sociolinguística é a linguística" em concordância com William Labov que releva o ideal de Antoine Meillet[1].

Deste modo, a língua pode ser chamada de língua veicular onde o ambiente sociocultural é aquele que cria o plurilinguismo de uma determinada comunidade. Essa prática é natural, porém nem sempre é enxergada com "bons" olhos quando praticada, porque dependendo com quem se fala ou o local onde a fala é inserida, gera preconceito linguístico.

Sempre nos deparamos com aquela situação onde o Preconceito Linguístico é firmado, isto é, a classificação da fala apontada como "certo / errado", "civilizado / selvagem" e assim por diante. Entretanto, o que ocorre na verdade não deveria ser classificado deste modo, mas deve-se apontar como variações linguísticas apenas, assim, não menosprezando nenhum falante em seu discurso, a explicação é cientificamente comprovada, dessa maneira a língua vária de acordo com Louis-

[1] Meillet quase foi discípulo de Ferdinand de Saussure exceto por acreditar que o fato social interfere na fala e no sistema que tudo contém.

Jean Calvet (2002, P. 60) quando diz: *"Se os usos variam geograficamente, socialmente e historicamente, a norma espontânea varia da mesma maneira: não se tem as mesmas atitudes linguísticas na burguesia e na classe operária, em Londres ou na Escócia, hoje e cem anos atrás.".*

Ou seja, na medida em que um falante se expressa sua forma agrega variedades, seja por interferência do local, da época, ou qualquer outro fator, sempre a maneira de se expressar sofrerá alterações infinitas. Mas como essas mudanças são barradas pelo preconceito que nunca muda, não inicialmente. Na maioria das vezes a mudança inicial vem com uma leve insegurança e negação pelo desconhecido, por isso o preconceito acaba surgindo, a mudança ortográfica foi um grande exemplo disso, quando aconteceu a mudança muitas pessoas ficaram zangadas e negarão e ainda hoje negam aceitá-la, porque elas não querem aprender o novo, porque só existe o jeito delas (como aprenderam) o certo, o ser humano ás vezes tem a mente fechada para aprender algo novo, mas se esquecem que muitas coisas mudam e eles se adaptam quando menos esperam, um grande exemplo disso são os aparelhos celulares, onde já foi grande, pequeno, de deslizar, abrir e fechar, com botões, com antena, touch, entre outros, inconscientemente ele se adaptou, mas as pessoas mais antigas nem tanto, até hoje falam mal do avanço. A língua sofre a mesma função, ela avança embasada na diacronia (trajetória da palavra) e sincronia (recorte), lembrando também que conforme Calvet (2002, P. 145) afirma, *"[...] o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico.".*

Portanto, o aspecto da comunidade social intervém no âmbito linguístico para que tais mudanças ocorram. Essas mudanças acontecem no combate ao preconceito linguístico, assunto da Sociolinguística.

6. A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGUÍSTICA

A importância da Sociolinguística nas escolas não é só por ser uma matéria bonitinha, mas sim, um conteúdo que ajudaria a barrar o preconceito linguístico e enriquecer a língua, conforme afirma Mollica e Braga:

> Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (MOLLICA e BRAGA; 2015, P. 13)

Ou seja, a sociolinguística ajuda no combate ao preconceito linguístico, pois é o intermédio que codifica o entendimento sobre a língua, assim a gramática não seria viabilizada como uma forma única e “certa” de expressão, mas como uma padronização que é importante ter noção para que a língua em si não fique tão distante uma das outras. Tal matéria, ajudaria na compreensão da língua materna, evitando julgamentos “certo” e “errado”, deixando o falante mais seguro de si ao se comunicar.

Consoante Mollica e Braga (2015), a escola é o maior veículo de influência no ensino, ao qual o educador muitas vezes restringe a língua, a gramática é apenas uma variação ensinada na escola, uma variante padrão, mas o que poucos sabem é que existem diversos tipos de variantes e nenhuma delas é a mais certa ou a mais errada, tudo depende apenas do lugar e com quem se é representada. Vejamos como citado:

> Quanto à listagem escolar dos barbarismos a serem evitados incluem-se os de base fonética (*truxe* por *trouxe, nós fumo* por *nós fomos),* os de base morfológica (*o cal* por *a cal, a sabonete* por *o sabonete),* ou os fraseológicos (*estou ao par,* por *estou a par*). Sob o rótulo *solecismos* incluem-se os vícios sintáticos contra as normas de colocação (como a ênclise, em *farei-te um grande favor*), contra as regras de concordância (*sumiu todos os meus discos*) e contra os princípios da regência (*gosto de ir na feira*). (MOLLICA e BRAGA; 2015, P. 52)

Acima estão algumas variantes em que sofrem represarias no ensino, mas que são parte um indivíduo e até mesmo no meio em que vive, a gramática tem um papel importante para avaliação e unificação da língua, mas não é aquela que deve ser dona da verdade, pois a cada dia nossa língua evolui e cresce, palavras ganham significados além daqueles que já possuem, nossas expressões são criadas e enquanto a gramática se preocupa mais com a escrita e sociolinguística se preocupa mais com a fala, e se sabemos que a escrita é baseada na fala, porque a escola

ainda insiste em inibir os falantes por considerar o que é “certo” e “errado”, ensinar que o indivíduo e sua família ou meio falam errado, não seria excluí-lo do padrão considerado “certo”? Pior ainda, querer fazer o mesmo a aceitar a gramática como a única “certa”.

O intuito principal da Sociolinguística, não é deixar as pessoas burras, mas sim informá-las sobre as variações existentes, podendo enriquecer a língua ainda mais, evitando o preconceito linguístico tão vivenciado no mundo atual, como entrevistas de emprego, por exemplo. Mas se ninguém ir lutar por uma sociedade informada e conscientizada, ninguém estará livre de deboches e humilhação muitas vezes sofrida por pessoas que falam diferente.

Mollica e Braga (2015), ainda diz que a escola privilegia aqueles falantes considerados “certinhos” em sua fala e escrita, desmerecendo os demais, a justificativa sempre vem das ferramentas de avaliação, onde vestibulares é um dos fatores que exigem as regras gramaticais, assim, a escola se vê como responsável por capacitar os alunos para tais funções, em nenhum momento os autores dizem que é errado a gramática, até mesmo porque ela é uma variante também, o que é triste é a escola não cumprir com o seu papel de mostrar as outras variantes que por decorrência de uma aula experimental já foi comprovada que os alunos valorizaram a Sociolinguística por se identificarem, além do mais, ficaram curiosos e com sede de querer saber mais sobre o assunto.

Incrementar a Sociolinguística como uma matéria a mais na grade curricular não é enrolação e nem bobagem, mas é um avanço na fala e escrita de indivíduos que ficaram cientes que existe local certo para executarem tais funções.

6.1 As ferramentas da sociolinguística para os educadores

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, P. 42), muitos educadores não sabem como se portar ao “erro”, tendo vários conflitos ao se imporem na oralidade e tentarem “corrigir” seus alunos, ao nível que o mesmo possui muitas vezes o linguajar semelhante e acaba sendo invisível alguns “erros” (variedades), assim, esses “erros” que o educador não comete ou comete raramente, acaba se tornando “erro” aos seus olhos, ele intervém seu aluno e corrige-o, mas não por completo, deixando vago o entendimento sobre as variedades linguísticas e passando muitas vezes

despercebido algumas outras variedades que se encontra em seu próprio repertório. Se pelo menos os alunos tivessem noção das variedades, talvez os mesmos compreendessem melhor o motivo de tal repreensão / correção de seu professor, até mesmo facilitaria o entendimento de onde e quando usar sua língua materna e aquela que se aprende na escola.

Apesar de não existirem muitas opções, já existem ferramentas para Sociolinguística ser trabalhada em sala de aula, ilustrações que ajudem na compreensão mais aprofundada desse estudo. Bortoni-Ricardo fala que:

> O personagem Chico Bento é uma criação muito feliz da equipe de Maurício de Sousa, pois permite que as crianças com antecedentes urbanos se familiarizem com a cultura rural, conhecendo muitas expressões dessa rica cultura que, hoje em dia, têm pouco espaço na literatura e nos meios de comunicação. Chico Bento pode se transformar, em nossas salas de aula, em um símbolo do multiculturalismo que ali deve ser cultivado. Suas historinhas são também ótimo recurso para despertarmos em nossos alunos a consciência da diversidade sociolinguística. Apesar disso, houve um momento na década de 1980 em que o Conselho Nacional de Cultura queria proibir a publicação da revista, alegando que ela servia de mau exemplo às crianças brasileiras, que passariam a falar “errado” como Chico Bento. Felizmente, o bom senso prevaleceu, e Chico Bento continuou sua trajetória, encantando as gerações que se seguiram. (BORTONI-RICARDO; 2004, P. 46)

Esse preconceito exposto pelo Conselho Nacional de Cultura é apenas um elemento que quase foi implantado, mas em muitas famílias mais conservadoras, acabaram banindo Chico Bento da leitura de seus filhos, pelo mesmo motivo que do Conselho Nacional de Cultura, minha mãe é um grande exemplo, onde me proibia de ler quadrinhos do Chico Bento com medo que eu usasse o mesmo linguajar ou escrevesse como visto nos quadrinhos, não permitindo esse acesso alegando que ele falava “errado”.

Tal episódio só excluiu o acesso a variedade linguística, inicialmente era preconceituosa ao ver alguém falar “errado”, entretanto, após o estudo sobre a Sociolinguística, observei o quão rico este conteúdo pode ser, gerando respeito mútuo e sem julgamentos como me era de costume, meu hábito de corrigir o próximo e constrangê-lo foi diminuindo e até sendo extinto, pelo menos a maneira que era de apontar o erro numa comunicação mais suave, sem avaliação, as pessoas ao meu redor até tinham medo de falar, receio de errar e com essa informação da Sociolinguística, pude entender e compreender melhor o próximo. De fato, não temos muitas vezes como consertar um adulto sobre este assunto, mas podemos implantar isso logo cedo para nova geração, tornando-os pessoas

melhores, até mesmo compreendendo melhor a Língua Portuguesa, despertando gosto por este saber, em algumas salas de aula na Escola Estadual Professor Antonio de Ré foram dadas aulas experimentais para turmas entre 11 e 15 anos, ambos ficaram super curiosos com o estudo, foram mais participativos com o que se está previsto pelas demais matérias, eles deram exemplos de seus familiares e até mesmo amigos dentro da sala ao qual faziam bullying dizendo que era errado, tal aula exclusiva serviu para que ali o olhar de muitos mudassem, os mesmos alunos depois cobraram que tivessem mais aulas do mesmo tipo, queriam entender melhor sua língua e das pessoas de seu entorno, curioso este fato parecendo fantasia, mas é real.

Conforme Bortoni-Ricardo (2004), a competência comunicativa é algo pertencente a variação linguística, isto é, pessoas de áreas rurais ou urbanas são capazes de se comunicar, lembrando que cada indivíduo tem seu repertório pessoal influenciado pelo seu meio, o autor destaca que:

> [...] É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. [...] (BORTONI-RICARDO; 2004, P. 74)

Ainda que a variação linguística seja importante, o autor elenca que a gramática também é, sendo preciso o aprendizado desta ferramenta na oralidade e escrita, para momentos em que a linguagem será monitorada (avaliada), em nenhum momento ocorre o desmerecimento do português padrão, o que muitos autores tentam, é lutar pela implantação da sociolinguística na educação, para que esse preconceito linguístico não ocorra, pois quando se adquire todo esse conhecimento da língua, por si só o senso e a conscientização também penetram no indivíduo.

6.2 O conhecimento na sala de aula destrói o preconceito linguístico

Diante do questionário aplicado para alguns educadores do Ensino Fundamental II e Médio, percebemos que ambos estão cientes das variações linguísticas e também são a favor da norma padrão, até mesmo questionam que a norma padrão é essencial na escola, pois lá é quem o aluno terá base para unificar a língua e não se distanciar uma da outra. Ao mesmo tempo em que ambos acreditam

que seja importante a apresentação das variações para o aluno se encontrar e assimilar a forma que irá utilizar, isto é, existe lugar próprio e pessoa certa para gerar a comunicação, a aplicação da língua, assim, o preconceito linguístico é destruído na medida em que as pessoas ficam cientes da existência da norma padrão e das variações linguísticas. Visando que ambas são importantes e nenhuma é superior à outra, todas representam um papel na língua, exemplificamos que:

> A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. [...] Os alunos que chegam à escola falando "nós cheguemu", "abrido" e "ele drome", por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. [...] (BORTONI-RICARDO; 2005, P. 15)

Assim, promovemos a ideia de que não será excluída nenhuma variante, seja ela popular ou prestigiada, mas ampliaremos o saber do aluno ao apresentar que há outros jeitos de se expressar, sem menosprezá-los ou inibi-los, respeitando assim, sua cultura ou desvio.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, P. 26), a capacidade de se comunicar todos tem, embora a competência de exercer a fala nem todos, já que a variedade requer conhecimento de que existe situação certa de acordo com a circunstância em que a fala será praticada pelo indivíduo, assim, se eleva a importância do discente aprender o processo da norma culta e ter ciência de quando usar as variedades linguísticas.

Um exemplo é o uso de gibis em sala de aula, entre outros citados nos questionários aplicados, como músicas, charges, textos, para que sejam trabalhados como ferramentas que mostrem aos alunos a diversidade linguística. Tal exemplo, como o uso de gibis com os alunos já é existente e funciona, estendendo também outras modalidades da Língua Portuguesa, como intertextualidade, vícios de linguagens, pontuação, entre outros.

Figura 2 – Sala de Aula

A professora x usa os gibis para os alunos (figura 2) perceberem as variações linguísticas (gramática variacionista), a mesma é a favor da norma padrão (gramática normativa), onde a escola é o lugar em que os alunos têm como auxílio aprendê-la, pois visto que, os educadores que responderam o questionário falaram que a língua materna é considerada muitas vezes a norma não padrão, a escola tem como objetivo apresentar e trabalhar a norma padrão, mas também tem o dever de cerrar o preconceito linguístico, a partir do momento que ambos se cruzam num determinado momento, desta forma, o educando pode desfrutar do uso dos gibis.

Quando a professora x faz os seus alunos lerem o gibi e depois recontar a história com o que lembram daquilo que leram, os mesmo cometem “erros” linguísticos, seja por conta do nervosismo, ansiedade, concordâncias, gírias (estabelecidas pelo sexo, idade ou regionalidade), redução, rotacismo, lambdacismo, entre outros.

Independente do “erro”, durante o trabalho pedagógico com uso dos gibis, os alunos percebem as variações linguísticas e até mesmo o modo de se expressarem ao qual retomam a fala ou os colegas corrigem, não porque a norma padrão é

superior à norma não padrão, mas pelo aspecto de ambos estarem num lugar em que estão sendo avaliados (avaliação de recuperação), mesmo que estejam com pessoas as quais poderiam usar uma fala menos rígida (português não padrão), lembram-se do lugar onde estão utilizando a fala e o objetivo do uso dela naquele momento, no caso, na escola para professora que irá receber a mensagem e avaliará, apesar da situação, foi observado que não ocorreu deboche ou piadas, mas houve uma união em que os alunos ajudavam os colegas, como por exemplo, quando auxiliavam sugerindo as trocas de algumas palavras variando as conjunções ou em alguma correção (norma não padrão para uma norma padrão), a fim de mostrar outras opções que podem ser usadas conforme ensinados pela professora que frisa a norma padrão, mas respeite a norma não padrão, pois a mesma acredita como os outros professores que foram entrevistados que a norma padrão é dever da escola aplicar para língua não se distanciar uma da outra.

O trecho abaixo, evidência que a partir do momento que o educador trabalha com seus alunos meios que apresentem seu repertório linguístico e aquele ao qual é função da escola expor (norma padrão), faz existir um determinado afeto de identificação que ajuda a excluir julgamentos na fala que se transformem em preconceito linguístico.

> OLIVEIRA (1995) [...] o ensino da língua de prestígio na escola não é necessariamente fonte de conflito, embora possa ser fonte de discriminação das crianças falantes de variantes populares. [...] professores sensíveis às diferenças sociolinguísticas e culturais desenvolvem intuitivamente estratégias interacionais em sala de aula que são altamente positivas. Nessas condições, o aluno é ratificado pelo professor e pelos colegas como um falante legítimo e começa a aprender a alternar seu dialeto vernáculo e a língua de prestígio, especialmente quando está realizando um evento de letramento. (apud BORTONI-RICARDO; 2005, P.132).

Logo vemos que a atividade mostrou que o contato dos alunos com o uso de gibis é exercido, conhecem não só a norma padrão, mas também se identificam com sua língua muitas vezes não padrão, diferente do que ocorre na sociedade, que são os julgamentos e superioridade muitas vezes vivenciados. Um fator que muitos se esquecem de que a escrita é baseada sempre na fala, a escrita está sempre atrasada, enquanto a fala está sempre atualizando e mudando, aqueles que não aceitam, se igualam aos mesmos que discordaram no começo de qualquer mudança anterior que hoje é nosso uso padrão, como a palavra “você” que sofreu preconceito linguístico, tudo passa, tudo muda, tudo evolui e a língua é uma ferramenta que

nunca deixará de ser usada, seja escrita ou falada.

Embora, Bortoni-Ricardo (2005, P. 196) diz que:

> [...] Para muitos professores, principalmente aqueles que se situam no polo rural / rurbano do *continuum* de urbanização, regras do português popular são "invisíveis": o professor as tem no seu repertório e não as percebe na linguagem do aluno, especialmente em eventos de fala mais informais. (BORTONI-RICARDO; 2005, P. 196)

Infelizmente não são somente alguns professores que cometem isso, mas também muitos na sociedade, que se acham superiores com sua língua, esquecendo que cometem desvios que passam despercebidos e mesmo assim, se acham no direito de julgar, apontar e humilhar o outro falante por conta das diferenças linguísticas, causando um impacto de superioridade, ao qual gera o preconceito linguístico.

Todavia essa discussão das variações linguísticas não tem função de regredir a língua, mas de evoluir a língua, acabar com o preconceito linguístico de que existe "certo" e "errado", gramaticalmente se requer isso e aquilo para avaliação ou preferência no uso da língua do indivíduo por si só, já na língua materna ou com as variações linguísticas não devemos apontar como "erro" e sim, diferenças que são decorrentes das mudanças regionais, sexo, faixa etária, classe social, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é a chave para o conhecimento, lembrando que muitos indivíduos primeiro aprendem a falar e depois desenvolvem a capacidade de escrever, e independente da idade, a fala se destaca primeiro em nossas vidas. Assim que uma criança é inserida numa escola iniciam-se questionamentos. Num ditado na escola, por exemplo, os alunos questionam a forma que o professor fala, para depois poderem escrever corretamente de acordo com a norma gramatical. O papel logo inverte, quando o professor avalia o aluno, corrige os erros gramaticais, mas não apresenta a sociolinguística, deixando uma vaga para um possível preconceito linguístico existir.

Preconceito de nenhum modo é bom e o preconceito linguístico discrimina um falante, constrangendo-o, inibindo-o, menosprezando-o e possivelmente denegrindo sua cultura e seu desenvolvimento.

Portanto, ao omitir ou não apresentar a sociolinguística na escola que é um lugar onde a educação é disponibilizada, o educador se torna responsável também pelo preconceito linguístico gerado ao longo do tempo.

O conhecimento da sociolinguística não irá fazer ninguém aceitar os chamados “erros” que nomeamos como desvios, porém por mais impossível que pareça, destruirá o preconceito linguístico, já que criará o respeito entre ambos ao aprenderem e entenderem as variações linguísticas.

Depoimentos de professores trouxeram a eficácia na educação e a exclusão do preconceito linguístico ao descreverem relatos nos questionários anexados. E tal eficácia se dá particularmente ao fato da escola de ambos não apresentarem preconceito linguístico, isto devido ao trabalho pedagógico estabelecido pelos educadores, em que trabalham sobre o assunto ou, ao ocorrer julgamento relacionado à sociolinguística, já fazem levantamentos das variações linguísticas, mostrando aos alunos que existem diversidades que devem ser respeitadas.

Além do mais, quando apliquei numa determinada escola alguns tipos de variações linguísticas, os alunos despertaram interesse e fizeram levantamentos usando argumentos como “eu achava que era errado falar assim”, “minha avó fala assim”, entre outros, e ainda pediram que fosse apresentado mais sobre o assunto. Em duas aulas foi possível obter o silêncio, disciplina e despertar a curiosidade dos

alunos na matéria, aprendendo sobre rotacismo e lambdacismo (trabalhando como exemplo o personagem Cebolinha do Mauricio de Sousa). A ideia foi verificar como os alunos reagiriam e se portariam diante do conteúdo aplicado. Muitos disseram “nunca mais vou falar que minha avó fala errado”, “não vou dizer mais que o Cebolinha fala errado”, entre outros. Logo, percebemos que estes alunos que tiveram uma aula amostral da sociolinguística tomarão mais cuidado ao julgar a maneira que alguém fala, lembrando que ambos foram alertados que existem lugares onde se fala, com quem se fala e situações em que se fala, concluindo que em alguns momentos se utiliza a norma padrão (mais restrita), tanto na fala como na escrita, como em outros podemos usar o português não padrão, sendo uma linguagem menos policiada, seja na fala como na escrita, o importante é que a mensagem seja compreendida.

Enfim, ao alertá-los sobre a norma padrão e o português não padrão, percebemos que ocorre uma compreensão melhor dos dois lados para o aluno, porque aprimoram seu conhecimento e criam também um respeito para com o próximo e com a matéria, entendendo melhor a importância da gramática e das variações linguísticas, abrangendo assim, o conhecimento da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália.** São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Preconceito Linguístico.** São Paulo: Parábola, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós cheguemu na escola, e agora? : sociolinguística & educação.** São Paulo: Parábola, 2005.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

GORENTZVAIG, Flávia. **Artigo de Divulgação Científica.** Disponível em: <http://flavia9aeviva.blogspot.com.br/2012/11/artigo-de-divulgacao-cientifica.html>. Acesso em: 21 Out. 2017 ás 16:38.

MAURICIO de Sousa toma posse na Academia Paulista de Letras. iG São Paulo. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/mauricio-de-sousa-toma-posse-na-academia-paulista-de-letras/n1596948675010.html>. Acesso em 17 Nov. 2017 ás 14h57.

MARTINS, Sara Baptista. **O preconceito linguístico e a análise do discurso.** Disponível em: <http://200.144.182.130/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=69>. Acesso em: 21 Out. 2017 ás 16h33.

MIYAKAWA, Hiro. **3 motivos para você falar japonês errado.** Disponível em: <http://kotoba.com.br/fale-japones-errado/>. Acesso em: 30 Ago. 2017 ás 00h47.

MOLLICA, Maria Cecilia. BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2015.

RODRIGUES, Thaís. **Pluralidade Cultural – “A Fala e o Preconceito Linguístico”.** Disponível em: <http://sopadeletrasunip.blogspot.com.br/2012/10/pluralidade-cultural-pluralidade.html>. Acesso em: 21 Out. 2017 ás 16:25.

SOUSA, Mauricio. **Chico Bento em O Bom Português**. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/bom-portugues-chico-bento.html>. Acesso em: 02 Jun. 2017, 00h36.

APÊNDICE A

Questionário para Professores

1 – Com que frequência você corrige seus alunos na escrita e oralmente? Dê exemplo de alguma situação em que ocorreu este fato, tanto na escrita como oralmente.

2 – Como você trabalha as variações linguísticas na sua sala de aula?

3 – Você acha que nas aulas de Língua Portuguesa o Preconceito Linguístico ainda acontece?

4 – Em que sentido, os quadrinhos aparecem para ajudar o trabalho com o Preconceito Linguístico em sala?

(1) Se necessário, faço correções somente ao aluno em particular, levando em conta se o seu "erro" na oralidade compromete sua expressão na interação com as outras pessoas. Já na escrita, a refacção de textos produzidos por eles é uma oportunidade excelente para a correção de texto, melhorando a expressão na modalidade padrão (norma culta)

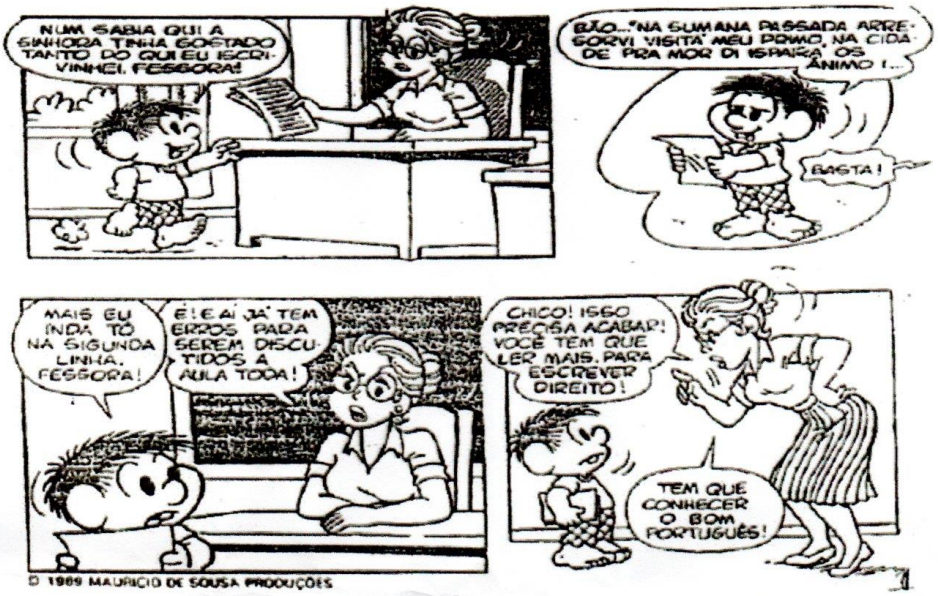
(3) 1- Hoje ocorre com menos frequência, porém quando ocorre em sala, devemos tomá-lo como "pretexto" para estudar as diversas variedades linguísticas e mostrar aos alunos que o "diferente" não é um erro e, sim, a língua mostrando através da fala suas diversas possibilidades de expressão que estão inseridas na cultura brasileira.

2- Através de textos (quadrinhos, charges etc) em filmes do circuito nacional (em que aparecem variantes linguísticas de todo o país) e se possível, mostrando a base cultural (influência histórica que constrói o sotaque, o uso de nomes diferentes etc) em que está variação linguística está fundamentada. Isto exige muito estudo por parte do professor, mas ele pode pedir aos alunos trabalhos que envolvam esta temática, levando-os a compreender as diferenças do nosso universo linguístico no contexto cultural Lusofono (países que falam o português e suas diversas expressões)

(4) → atrás

4) Os quadrinhos permitem a visualização, exploram o lado ludopedagógico da abordagem do preconceito linguístico, sem ser ofensivo e o mais importante: criam oportunidades de refletirmos sobre o preconceito linguístico. Esta reflexão é um caminho para questionarmos as razões de sua existência, de mostrarmos aos alunos (ou melhor, fazê-los compreender) que não existe "fala" ou língua superior à outra e que a modalidade padrão (norma culta) é, na verdade, a unificação verbal de uma sociedade, é convencional, mas em nenhum aspecto as "diversas falas" são inferiores a ela.

5 – Observe o quadrinho abaixo.



Diante do ocorrido, qual sua visão da postura da professora com o Chico Bento? Existiria alguma outra forma dela ter abordado o aluno? Qual?

A professora chama a atenção do aluno, dizendo que ele precisa conhecer o "Bom português", o que mostra o seu preconceito linguístico com relação à variedade linguística expressa na fala do aluno.

Ela poderia trabalhar juntamente com este aluno utilizando vários tipos de textos que abordassem a língua na sua norma padrão, bem como outras variedades linguísticas regionais mostrando a importância da norma padrão que unifica a língua, sem menosprezar as diversas variedades regionais que mantém a língua viva como prática social nos diversos lugares do nosso país e nos países lusófonos.

Questionário para Professores

1 – Com que frequência você corrige seus alunos na escrita e oralmente? Dê exemplo de alguma situação em que ocorreu este fato, tanto na escrita como oralmente. As intervenções são frequentes, o tempo todo. Na escrita ela ocorre durante as correções das atividades diárias e produções textuais e na oralidade um exemplo é quando perguntam as horas. (Que horas é professor?)

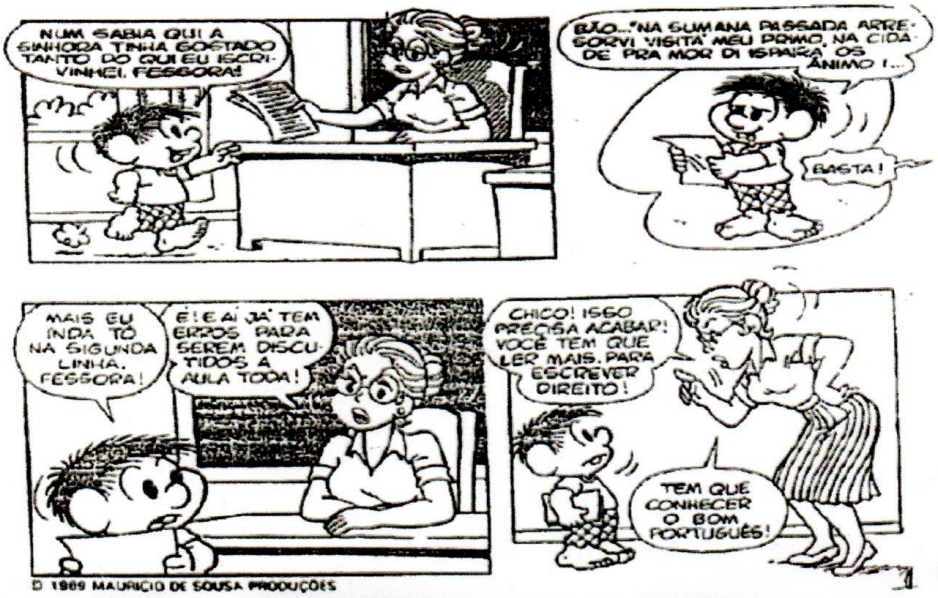
2 – Como você trabalha as variações linguísticas na sua sala de aula?
A SEESP tem um material de apoio muito bom, com sequências didáticas.

3 – Você acha que nas aulas de Língua Portuguesa o Preconceito Linguístico ainda acontece? Depende, este preconceito vem do professor? A obrigação do professor é quebrar esse paradigma.

4 – Em que sentido, os quadrinhos aparecem para ajudar o trabalho com o Preconceito Linguístico em sala?

A partir dele podemos fazer várias inferências relacionadas as variedades linguísticas, bem como as variedades regionais a partir disso trabalhar o uso e a aplicabilidade da norma-padrão / culta.

5 – Observe o quadrinho abaixo.



Diante do ocorrido, qual sua visão da postura da professora com o Chico Bento? Existiria alguma outra forma dela ter abordado o aluno? Qual?

Cada professor tem o seu método, que pode variar de acordo com a turma, escola, idade etc. O que importa de fato é se o aluno consegue aprender, o que é o nosso objetivo maior.

Existem diversas maneiras e abordagens diferenciadas para cada situação de aprendizagem, neste caso não foi especificado o gênero textual que está sendo trabalhado, isto deveria ter sido feito nas aulas anteriores em uma sequência pré-estabelecida.

Os "erros" gramaticais do Chico são na verdade uma variedade regional, portanto a professora não poderia falar que é um erro, mas apresentar a norma-padrão, fazendo-o perceber que em ocasiões formais – como é o caso da escola – se faz necessário a escrita padronizada, ou seja, aquela que obedece e segue as regras da norma culta.

Questionário para Professores

1 – Com que frequência você corrige seus alunos na escrita e oralmente? Dê exemplo de alguma situação em que ocorreu este fato, tanto na escrita como oralmente.

2 – Como você trabalha as variações linguísticas na sua sala de aula?

3 – Você acha que nas aulas de Língua Portuguesa o Preconceito Linguístico ainda acontece?

4 – Em que sentido, os quadrinhos aparecem para ajudar o trabalho com o Preconceito Linguístico em sala?

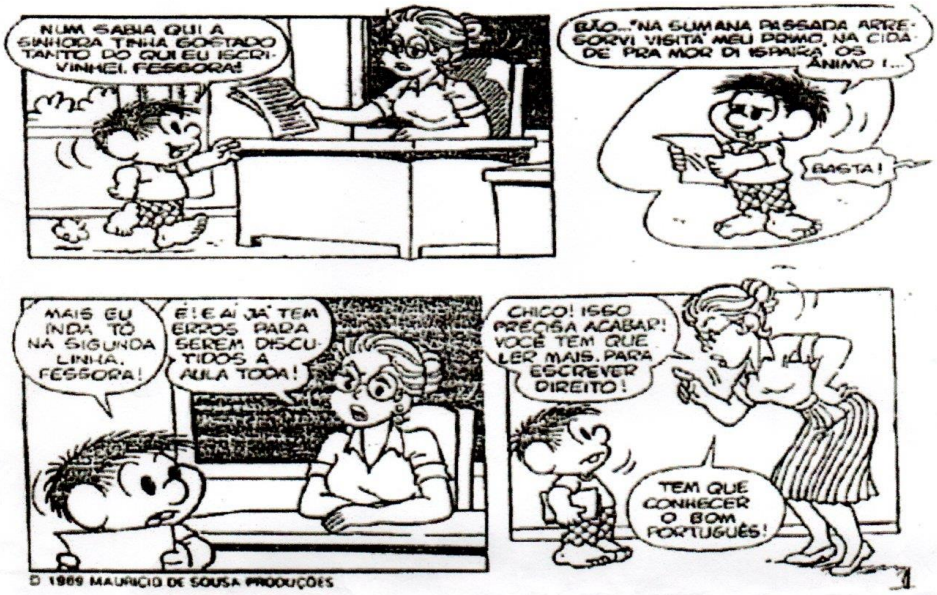
1- Em situações oportunas, criando situações de aprendizagem, onde o educando perceba que há outras formas de se expressar de acordo com a norma padrão, de forma que não venha constrangê-lo.

2- Trazendo e Trabalhando em sala de aula as variantes linguísticas, através de textos diversificados, diálogos, charges etc...

3. Sim, sempre que alguém diz algo, o qual não está de acordo com a norma padrão, a cobrança é inevitável; mas devemos mostrar-lhe

4- A fala do Chico Bento mostra a variedade linguística por região. Pois o primeiro contato que Chico teve com a fala foi através da família.

5 – Observe o quadrinho abaixo.



Diante do ocorrido, qual sua visão da postura da professora com o Chico Bento? Existiria alguma outra forma dela ter abordado o aluno? Qual?

Com certeza. A professora deveria mostrar-lhe que há outras formas de se expressar, sem demonstrar preconceito linguístico, criando situações diversas entre os educandos, a fim de que eles percebam que há outras formas de se expressar, usando a norma padrão, através de diálogos, encenações, textos diversificados, charges, etc...

Uma professora deu outras respostas pra você Bianca ~~[illegible]~~
Ver qual é a melhor. Beijos

1- Nas próprias palavras do educando são as situações oportunas. Exemplo Quando ele diz:
— Nóis vai no pátio. Surge a oportunidade de explicar regras da Concordância Verbal e mostrando que podemos falar:
— Nós vamos ao pátio

2- Deve-se mostrar ao educando as diversas variedades linguísticas através de músicas: Asa Branca, Esperando na janela e as canções que gostam o funk. A aula se torna útil e ágil ao educando.

3- Na nossa escola não há espaço para o preconceito. ~~Através~~ Por meio das inúmeras variedades: região, idade, escolaridade ~~demonstram~~ gírias e jargões mostramos as diversas situações de comunicação e a adequação ~~o~~ conforme a situação de comunicação. Ex. entrevista de emprego (norma-padrão) um bate papo com os colegas (coloquial)

4- A fala do Chico Bento mostra a variedade linguística por região. Pois o primeiro contato que Chico teve com a fala foi através da família. ~~A escola deve valorizar a fala dessa do Chico para ensiná-lo a norma padrão e as situação de comunicação que deve utilizar para melhorar seu desempenho fazendo os ajustes para melhorar sua comunicação~~

data

S T Q Q S S D

Cabe à escola ajusta a fala dele ~~E~~ numa situação informal ~~E~~ a uma situação formal!

5- ~~Conforme já foi citado a professora devia~~ a adequar a fala de Chico Bento

~~A professora devia~~ mostrar ao Chico

~~Foi incorreta~~ a postura de professora quanto à abordagem ao Chico ~~Bento~~, pois ele conhece a língua. Ela ~~du~~ identifica as marcas da oralidade e escrita portanto caberia a ela, professora, utilizar ~~de~~ livros, revistas, jornais e internet a ampla variação de registros para que o Chico

5- A atitude da professora foi inadequada. A partir do momento que identifica a variedade linguística do Chico Bento, ela devia apresentar livros, revistas, jornais e internet para que ele ~~tenh~~ tivesse acesso à norma-padrão e fizesse o uso de acordo com a situação de comunicação formal ou informal

ANEXO A – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA ESCOLA PARA USO DE DADOS

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA EM BANCO DE DADOS

Guarulhos, 09 de Abril, de 2018.

Eu, Bianca Alves Branger, responsável principal pelo projeto de TCC, o qual pertence ao curso de Letras da Faculdades Integradas de Ciências, Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, venho pelo presente, solicitar autorização da E.E. Vereador Antonio de Ré no setor sala de aula para realização da coleta de dados através do banco de dados, no período de Abril para o trabalho de pesquisa sob o título *A construção das Variedades Linguísticas, na sala de aula e o papel do professor como formador de uma sociedade sem preconceitos*, com o objetivo de comprovar o quão importante e enriquecedor pode ser as variações linguísticas inserida na sala de aula, principalmente ao aplicar histórias em quadrinhos que despertem um trabalho diferenciado com a linguagem informal e padrão, criando formas de correção, que despertem no aluno, o prazer pela leitura, sem criar preconceito com a língua. Esta pesquisa está sendo orientada pelo(a) Professor(a) Claudineia Alves.

Diante do exposto acima, venho solicitar ao responsável pela escola o pedido para expor o nome da escola como exemplo do trabalho pedagógico que envolve histórias em quadrinhos para os alunos, mostrando-os os tipos de variações linguísticas.

Contando com a autorização desta instituição, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Luciana Silva Fort
RG: 22.043.814-6
Vice - Diretora

ANEXO B – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA PROFESSORA PARA USO DE DADOS E IMAGEM

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA EM BANCO DE DADOS

Guarulhos, 23 de Abril, de 2018.

Eu, Bianca Alves Branger, responsável principal pelo projeto de TCC, o qual pertence ao curso de Letras da Faculdades Integradas de Ciências, Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, venho pelo presente, solicitar autorização da E.E. Vereador Antonio de Ré no setor sala de aula para realização da coleta de dados através do banco de dados, no período de Abril para o trabalho de pesquisa sob o título *A construção das Variedades Linguísticas, na sala de aula e o papel do professor como formador de uma sociedade sem preconceitos*, com o objetivo de comprovar o quão importante e enriquecedor pode ser as variações linguísticas inserida na sala de aula, principalmente ao aplicar histórias em quadrinhos que despertem um trabalho diferenciado com a linguagem informal e padrão, criando formas de correção, que despertem no aluno, o prazer pela leitura, sem criar preconceito com a língua. Esta pesquisa está sendo orientada pelo(a) Professor(a) Claudineia Alves.

Diante do exposto acima, venho solicitar ao responsável pela escola o pedido para expor o nome da escola como exemplo do trabalho pedagógico que envolve histórias em quadrinhos para os alunos, mostrando-os os tipos de variações linguísticas.

Contando com a autorização desta instituição, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

_____